https://www.periodicos.unis.edu.br/index.php/mythos/

FEMINILIDADE: UM PANORAMA HISTÓRICO

FEMINITY: A HISTORICAL PANORAMA

Tina Keller da Ponte Abreu[1*], Janilton Gabriel de Souza[2]

[1] *Graduada em Psicologia, Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS.*
kellertina.psi@gmail.com
[2] *Mestre em Psicologia. Centro Universitário do sul de Minas – UNIS.*
janiltongabriel@yahoo.com.br

Detalhes editoriais
Edição especial (Ensino, Pesquisa e Extensão)

Editor-chefe:
Rodrigo Franklin Frogeri

Editor-convidado:
Ernani de Souza Guimarães Júnior

Fomento:
Este estudo não foi fomentado por uma agência de fomento.

Cite como:
Abreu, Tina K. P.; Souza, Janilton G. Feminilidade: Um Panorama Histórico. (2024). **Mythos**, 16 (2) (Edição especial), 165-173.
https://doi.org/10.36674/mythos.v21i2.920

***Autor correspondente:**
Tina Keller da Ponte Abreu
kellertina.psi@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa sobre o lugar da mulher ao longo da história. Tal abordagem se faz necessária a partir do modelo inserido do feminino em nossa sociedade. Assim, o propósito deste estudo é entender o caminho e quais fatores levaram a distinção e silenciamento da mulher ao longo da história. Esta tarefa foi executada através da revisão bibliográfica que teve como objetivo compreender a definição de feminilidade por vários teóricos. O estudo demonstrou que ao longo dos séculos a mulher pode ser vista de forma individual, apesar de persistir o modelo patriarcal e machista. Compreendeu-se o deslocamento social da mulher para obter igualdade entre os gêneros.

***Palavras-chave**: Mulher. Histérica. Psicanálise.*

Abstract

This work analyzes the place of women throughout history. Such an approach is necessary from the inserted model of the feminine in our society. Thus, the purpose of this study is to understand the path and what factors led to the distinction and silencing of women throughout history. This task was carried out through a bibliographic review that aimed to understand the definition of femininity by various theorists. The study demonstrated that over the centuries women can be seen individually, despite the patriarchal and sexist model persisting. The social displacement of women to achieve gender equality was understood.

***Keywords**: Women. Hysterical. Psychoanalysis.*

1 INTRODUCÃO

Este trabalho aborda a questão relacionada à mulher inserida em uma sociedade machista e patriarcal. Compreende-se o machismo como uma constituição, uma representação e uma forma de domínio, que se detém do argumento do sexo, burlando as conexões entre homens e mulheres, sintetizando uma dualidade entre o dominante e o dominado D*rumont (*1980). Enquanto que para Azevedo (2017, p. 12) o "patriarcado trata necessariamente da relação de dominação simbólica dos homens sobre as mulheres". Estes conceitos ajudam a caracterizar os modos de funcionamento presente na sociedade com uma base de poder alicerçada ideologicamente.

Sem direito à fala, sem direito a expor a si própria como única, não sendo reconhecida como um ser e sim como o outro[1] , ou seja, além daquele que detém o lugar do poder. Assim "ser mulher seria ser o objeto, o outro, e o outro permanece sujeito no seio de sua demissão" (Beauvoir, 2016, p. 80).

Com base nessas definições, Beauvoir (2016) complementa que a humanidade é vista como masculina. Nesse passo a mulher não é definida como um ser em si, não sendo considerada autônoma e sua relação de existência está articulada à do homem.

A feminilidade é um tema pertinente para discussão nos dias atuais levando em consideração a trajetória até aqui. Busca-se tentar compreender os motivos que levou a sociedade a dicotomizar entre os gêneros, masculino e feminino, bem como as suas funções a serem executadas.

De acordo com Calligaris e Homem (2019, p. 08) além dessa divisão, ainda existe a questão de gênero imposta culturalmente, já que ser homem ou mulher parte da determinação de caracteres sexuais e nenhuma categoria "natural". Para os autores, o ser humano tem sua determinação como fêmea ou macho, definida pelo órgão sexual de nascença. A categoria natural na qual foi citada, tem que a ver com a identificação que o sujeito se define. Partindo da mesma premissa, Beauvoir (2016) diz que indiferentes de homens e mulheres, há uma única categoria, o ser humano.

Neste contexto, o trabalho tem por objetivo demonstrar as dificuldades enfrentadas pela mulher, em tempos de tamanha desigualdade entre gêneros, descrita em livros, filmes, séries, assim como em discursos propriamente machistas e misóginos.

De acordo com Calligaris e Homem (2019, p. 16) a misoginia é a repulsa e o ódio às mulheres e a sociedade ocidental pode ser descrita como misógina, tendo em vista que a mulher é de alguma maneira culpada pelos desejos dos homens, recaindo sobre ela a culpa de ser objeto de desejo e satisfação, "objeto pelo qual os homens são perseguidos". Esse processo de misoginia seria agravado pela tradição judaica-cristã, aumentando assim o machismo e o ódio às mulheres.

De acordo com Beauvoir (2016, p. 18), os judeus oram pela manhã agradecendo por não terem nascido mulheres: "Bendito seja Deus nosso senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher". Em contrapartida suas mulheres oram agradecendo pela sua criação segundo a vontade de Deus. Beauvoir destaca, ainda, que as religiões foram "forjadas pelos homens" refletindo nelas o domínio que eles próprios desejavam.

A abordagem sobre o tema em questão se faz necessária a partir do aumento do ódio às mulheres, e o entendimento cultural onde essa visão distorcida (do lugar que a mulher deva ocupar), ainda persiste. Esta pesquisa, também, foi iniciada em face da própria vivência da autora deste artigo em uma viagem à Israel, em abril/2022, onde pode ver como homens e mulheres se comportam diante de uma cultura extrema, com

[1] Em “O Segundo Sexo” (2009), a filosofa Simone de Beauvoir analisa as relações de gênero e a construção do ideal de ser “mulher” e entende que o homem é um conceito universal e a mulher é o segundo sexo, ou seja, o “outro” do homem, sendo constantemente inferiorizada e objetificada pela sociedade.

rigor e um ideal para o feminino que não condiz com o que acreditamos ser o que verdadeiramente a mulher queira. A partir dessa vivência, nasceu o interesse de explorar a feminilidade, entender o contexto histórico e da longa necessidade de luta por igualdade e respeito do gênero feminino.

Nesta experiência que contrasta com o Brasil, o choque de realidade chegou ao ponto do não interesse em retornar a um lugar tão hostil para o sexo feminino. Houveram momentos de medo da autora, nesta experiência em Israel, que a fez permanecer no quarto do hotel em virtude da advertência dos perigos em circular sozinha, nesta cultura.

A finalidade deste estudo a partir da pesquisa bibliográfica é entender o caminho percorrido até aqui por esse ser chamado por Beauvoir de segundo sexo, esse outro.

2 O QUE É MULHER?

Em uma perspectiva psicanalítica, Kehl (2016) nos ajuda a compreender que para ser mulher, primeiro se faz necessário entender que a identidade feminina assim como a masculina, são significantes[2] carregados de distinções culturais que designam e delimitam suas condições, bem como suas obrigações, espaços, deveres e direitos.

Tais significantes vão além da diferença anatômica, sendo então já carregados de "significações imaginárias". E assim como homens ou mulheres no mundo adquire-se um "manual" de instruções que é constituído culturalmente (Kehl. 2016, p. 25).

Desta forma, o homem entra nessa sociedade já posicionado como sujeito, aquele designado como "absoluto" e a mulher como o outro. Ela, assim como os "Judeus para os antissemitas, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos" (Beauvoir, 2016, p. 18). A mulher constituída como outro, de alguma maneira se torna cúmplice do homem, desta forma não reivindica seu posto de sujeito, porque não tem os meios para se tornar um. Presa a um laço que fora formado com esse homem, satisfazendo as vontades dele (Beauvoir, 2016).

A história conta a trajetória vivenciada pelas mulheres, e entre livros e filmes baseado em fatos, foi possível ver que em alguns momentos e culturas a mulher se destaca de forma a lutar para ser reconhecida enquanto sujeito de direitos e sujeito simbólico, em outras palavras poder se inserir na comunidade a partir de sua perspectiva e diferença, como pode ser visto com as guerreiras africanas do Daomé. Tais mulheres vivenciaram no ano de 1800 o poder para lutar pela sobrevivência e pela tribo, que era vendida como mercadoria em uma época de escravidão (Britto, 2022).

Enquanto do outro lado do oceano mulheres escondiam-se por debaixo de vestidos e pudores, a tribo de Daomé mantinha uma paridade de gênero que estendia-se em todos os cargos do reino "generais militares, conselheiros financeiros, até altos escalões, e o rei outorgava o título de Kpojito, mulher rei, que seria a sua companheira de reinado" (Britto, 2022).

A função que elas exerciam enquanto guerreiras não lhes davam a permissão de terem uma família, pois deviam dedicar-se única e exclusivamente à proteção do reino, enquanto os guerreiros homens tinham mulher e filhos, remetendo ao pensamento que a mulher deve ocupar uma função de cada vez. Ou ela é mãe ou dedica-se ao reino. Beauvoir (2016, p. 99) acrescenta que as mulheres não confrontaram seus valores femininos perante os masculinos, e sim "foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino".

[2] "Nesse sentido, o significante é signo de um sujeito. É a inscrição na ordem do significante (campo do Outro) que permite a um sujeito operar com as leis da linguagem e produzir significações que escapam à intenção do dizer" (Ferreira, 2002, p. 124).

Desta maneira, segundo Beserra (2012, p. 6), a civilização estaria protegida, garantida pelo ajuste das "relações dos homens uns com os outros". Tal lei imposta proibindo a mulher de ter família como mostrada no filme, só mostra que a proibição vem barrar aquilo que o próprio ser tem, o desejo.

2.1 Construção histórica

Para Calligaris e Homem (2019, p. 11) essa definição cultural se dá a partir de uma construção por uma ideologia formada a partir de fundamentos religiosos. Assim, o pensamento posto ao mundo com tantos seres, se reduziria em apenas dois sexos ou dois gêneros.

Calligaris e Homem (2019) descrevem esse modelo ideologicamente criado, como um modelo patriarcal, que definiu por milênios a razão e outros adjetivos em conformidade com o masculino. Já o feminino seria a emoção, delimitando dois seres, enaltecendo a força e o poder daquele que na visão ideológica comandaria o território, ou seja, o homem. De acordo com Beauvoir (2016, p. 12) "O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Assim, a mulher encontraria um modo de ser, na cultura, a partir do querer do homem ou alienada ao desejo masculino.

Beauvoir (2016, p. 15) ousa a dizer que "a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram, elas receberam". Ainda, segundo Beauvoir, homens e mulheres nunca viveram no mundo partilhando uma igualdade. Suas condições sempre estão em posições diferentes e, atualmente, a mulher arca com diferenças significativas. Para ela é como se existissem duas "castas distintas em igualdade de condições " e os homens têm desde salários mais altos, mais vantagens, além de ocupar lugares com números mais expressivos em presença na política, nas indústrias e em cargos mais importantes.

Além disso, Kehl (2016, p. 44) diz que foi necessário a constituição da família nuclear moderna (constituída por pai, mãe e filhos) visando um ambiente seguro, íntimo, cuja tranquilidade do ambiente ficaria a cargo da mulher. Em resumo, o casamento seria não apenas entre os sexos distintos, homem e mulher, mas "entre a mulher e o lar ". Desta maneira todo o discurso de liberdade, autonomia, de viver de forma autoral, não cabia ao sexo feminino, pois ela é o ser a ser domesticado, que devia atender ao casamento e a maternidade.

Na opinião de Beauvoir (2016), tal arrogância e desdém relacionado às mulheres, mostra a dúvida do homem em relação a sua virilidade e tal intimidação não permite que visualizem na mulher um ser semelhante.

Abordaremos no próximo tópico o feminino a partir de Freud. A histérica. De forma a tentar entender como se chegou a tal definição.

2.2 Estrutura histérica de Freud

Ao longo dos anos, o lugar da mulher deslocou-se. Ela sai de uma extremidade a outra, perpassa desde a simples reprodutora alienada, condenada a obedecer aos homens, pai e marido, até ser reconhecida na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, em que todos os humanos são iguais perante a lei (Calligaris E Homem, 2019).

Como conceitua Calligaris e Homem (2019, p. 24) é a partir dessa lei que a mulher vai se recusando a "esse domínio do poder feminino no lar, no espaço privado". Nessa recusa a mulher se posiciona através de atos reivindicando seus direitos e o lugar além do que foi imposto, a partir de um discurso de lugar natural, cuja função deveria ser a de mãe, recatada e obediente.

A partir dessa "desobediência" Kehl faz o seguinte relato:

> A participação das mulheres na Revolução Francesa tem sua origem nos ideais de emancipação feminina do Antigo Regime, fomentados indiretamente pelas ideias filosóficas do Iluminismo - cuja valorização da autonomia do sujeito, liberto dos grilhões da religião,

> atingia também as mulheres - e não repercutiam somente entre as francesas. Na Inglaterra, um pouco mais tarde, na Alemanha, as mulheres repudiavam a submissão ao casamento e a prisão da maternidade e tentavam cultivar o intelecto e a vida mundana (Kehl, 2016, p. 51).

Todavia, de acordo com Kehl (2016) apenas alguns homens concordaram com o possível abandono que parecia rondar seus lares, colocando em risco sua estabilidade no casamento e na convivência com os filhos movido por tal emancipação. O discurso dos homens era que a mulher não deveria abandonar suas funções no lar e da maternagem. Assim de nada importava o que a mulher sentia ou queria naquele momento de luta.

O discurso patriarcal no séc. XIX chegou a Freud nos hospitais psiquiátricos, onde através da observação ele pôde perceber que algo naquelas mulheres tratadas com eletrochoque, estava em desacordo com a forma de atuação sob elas. Essas mulheres tinham uma elevada repressão sexual, além de viver em uma época com "rígidos costumes morais". Mulheres essas sem direito de escolha relacionados ao trabalho e estudos, ensinadas a serem esposas e boas mães com um "ideal de mães e esposas perfeitas". Tal repressão sexual não se valia aos homens e esses saiam às ruas em busca de sexo, contribuindo então para o crescimento da prostituição, enquanto suas esposas "adoeciam de histeria" (Domingues, 2009, p. 15).

Como se não fosse pouco, essas mulheres quando renegavam a sua função de maternar, eram internadas como loucas em hospitais psiquiátricos. Entre a maternidade e o desejo de liberdade para talvez satisfazer o prazer, no qual não podiam ter acesso, ou assegurar esse prazer a seus maridos que saiam em busca daquilo que não era permitido em sua mulher/mãe, a "histérica fica no conflito entre o erotismo e a maternidade, presa, doente e mortificada" (Birman, apud Domingues, 2009, p. 23).

No mesmo século em que Freud "herda os mapeamentos e problemáticas" destas mulheres histéricas, ele próprio lida com suas demandas morais, escrevendo uma carta para então sua noiva Martha, dizendo que gostaria que ela cuidasse do lar e não trabalhasse, demonstrando os "ecos da profunda divisão subjetiva" em que vivia em sua época e que seu desejo era o de viver ainda um "casamento tradicional" (Freud, 1933/2018, pp. 12-13).

Esse mapeamento de Freud sobre a cultura em que viviam as mulheres e homens de sua época, foi necessária para o entendimento das mulheres que ele tinha contato tanto nos hospitais psiquiátricos, quanto na clínica, dando início ao que conhecemos como a psicanálise.

> Nesse novo mapa, o falso pudor e o discurso moral cedem lugar a uma conversa franca e direta, no espaço de suspensão temporária de convenções e normas sociais que consiste o dispositivo analítico, onde a única regra a ser seguida de forma estrita é a da associação livre (Freud, 1933/2018, p. 13).

De acordo com Freud (1933/2018, p. 14), a psicanálise fez parte tanto como "testemunha" e também como "agente transformador" da mesma história. Assim podia ver não só o que estava aparente à luz do dia, mas também o que estava obscuro, tornando Freud um homem à frente do seu tempo, reconhecido como contemporâneo. E de alguma maneira mesmo distante das lutas femininas ele agia "amplamente pela emancipação das mulheres".

Em síntese Freud foi um homem conservador, porém um psicanalista revolucionário, que em sua época foi capaz de dar voz às mulheres que sofriam de histeria. Além disso se posicionou a favor da admissão de mulheres na Sociedade Psicanalítica de Viena, tendo então como primeira representante feminina Margarete Hilferding, contrariando alguns votos desfavoráveis e lançando a mulher a um espaço até então masculino, pois dez anos antes deste feito por Freud, as mulheres não podiam ser admitidas nas universidades de Viena (Freud, 1933/2018).

Em relação a etiologia da histeria e seus sintomas, Freud formula a hipótese de um trauma, a partir de uma vivência sexual infantil, da queixa descrita por muitas de sedução dos seus pais. Ele colocara em questão essa hipótese, chegando a conclusão que seria impossível tantas mulheres sofrerem do mesmo mal, ou seja, terem sido seduzidas por seus pais. E chega então a conclusão que tais "relatos eram falsos e aprende a entender que os sintomas histéricos derivam de fantasias e não de acontecimentos reais" (Freud, 1933/2018, p. 280).

A conclusão de Freud é que o fator acidental (trauma) causador, determina a patologia da histeria, se repetindo a cada vez que o paciente alucina em forma de sintomas, sejam tiques, vômitos contínuos, anorexia, alucinações visuais, etc. O sintoma que persiste há séculos da histeria é o mesmo na neurose traumática, ligados a traumas da infância que culminam em uma patologia grave ou não. A lembrança do trauma psíquico age como "um corpo estranho" que mesmo depois de anos de sua "penetração" ainda atua de forma presente no sujeito. Relembrar tal trauma em uma análise, consiste em trazer à tona uma recordação de forma afetiva, pois caso contrário o processo se torna "ineficaz" (Freud, 1895/2016, pp. 20-23).

> Numa inversão da sentença “cessante causa cessat ef ectus” [cessando a causa, cessa o efeito], bem poderíamos deduzir dessas observações que o acontecimento motivador continua a atuar de alguma forma anos depois, não indiretamente, pela mediação de uma corrente de elos causais interligados, mas imediatamente, como causa precipitadora, mais ou menos como uma dor psíquica lembrada em consciência desperta ainda provoca lágrimas tempos depois: o histérico sofre sobretudo de reminiscências. (Freud, 1895/2016, p. 25, grifos do autor).

Tão importante como os estudos de Freud sobre os acometimentos da histérica em uma época difícil para o lugar de mulher, é entender como um homem como ele se revela a explicar esse lugar para além da anatomia, para além do físico, do passivo vs ativo. Para ele a mulher se torna a medida de sua existência "como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual[3]" (Freud, 1933/2018, p. 276).

A concepção da feminilidade em Freud é pensada a partir do seu modelo de funcionamento psíquico, denominado Complexo de Édipo. Para ele, haveria uma diferença na incidência da castração no menino e na menina, existindo portanto três orientações que podem acontecer: "uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal" (Freud, 1933/2018, p. 287).

Resumindo toda a ideia estrutural vista pelo criador da psicanálise, destacamos aqui que para além de sua explicação edípica, nos atemos a sua finalização do texto "A feminilidade" (1933/2018) que Freud deixa claro que antes de mais nada, cada mulher é um ser humano único. Se quisermos saber mais sobre a feminilidade, devemos nos ater "as nossas próprias experiências de vida" ou voltarmos aos poetas, ou ainda esperar que a ciências nos responda mais questões, se é que até aqui a história já não nos deu respostas suficientes (Freud, 1933/2018, p. 297).

3 METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa básica e revisão bibliográfica feita através de documentação indireta e os dados foram coletados em pesquisas na internet, livros, artigos e documentos relacionados ao tema. Quanto aos objetivos, o estudo tem caráter exploratório aspirando a compreensão da teoria do tema em referência.

[3] "Freud adota o conceito de bissexualidade, como uma disposição psíquica inconsciente própria da subjetividade humana"(Carneiro, 2020).

O método utilizado visa a possibilidade de entendimento acerca da construção histórica sobre a feminilidade, bem como os poderes machistas instalados na sociedade e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo da história da humanidade, diante das imposições que abordamos neste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a feminilidade como tema deste trabalho, pensa-se em compreender a constituição das mulheres ao longo da história pelo olhar de vários teóricos seja na escrita ou filmes. Julga-se a importância em discutir sobre o gênero, mas para além disso ter um olhar voltado ao lugar por onde perpassa a mulher como mãe, esposa, do lar ou até mesmo um ser insignificante com certa utilidade ao masculino. Destaca-se aqui que insignificantes não condiz com o termo psicanalítico sobre significantes, pois nessa ordem a mulher já veio cheia delas, carregados de distinções culturais que designam e delimitam suas condições, bem como suas obrigações, espaços, deveres e direitos (Kehl, 2016).

A discussão pode reformular paradigmas onde Freud em seu tempo já se perguntava “O que quer uma mulher?”. Talvez acometido pelo contato com as histéricas em seu consultório. Já Beauvoir uma mulher feminista a frente do seu tempo, compreende que a mulher é colocada na posição do segundo sexo, sendo uma posição de desvalor, dos direitos vedados, permanecendo neste lugar ainda na atualidade, enfrentando a misoginia e o machismo.

Outro ponto em destaque nas pesquisas se refere às formalidades da religião, usadas como pretexto para imposições e proibições que fazem parte de todo o discurso na história da constituição da mulher e da família. Interessante que a mulher ganha uma dualidade de posições como a mãe consagrada e respeitada e a mulher subserviente.

O objetivo do estudo no aprofundamento não se finda por aqui. É para a noção de uma satisfação sem limites, que Lacan, posterior a Freud, propõe para dizer do feminino, que a sequência dessa pesquisa irá se dirigir.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. M. C. (2017). *O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista*. Revista três [...] pontos (13.1) (12-20) Dossiê múltiplos Olhares sobre Gênero. https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3386/2166

BEAUVOIR, S. (2016). *O segundo sexo*. (3ª ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BESERRA, A. P. (2012) *O discurso do Desejo na Psicanálise Freudiana*. Brasília: https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/1260/1/Adriano%20Pereira%20Beserra.pdfAcesso em: 15 out.2022.

BRITTO, M. C. (2022) *"A mulher rei": filme é baseado em história real de guerreiras africanas*. agênciadenotícia.uniceub.br. https://agenciadenoticias.uniceub.br/criticas-e-resenhas/a-mulher-rei-filme-e-baseado-em-hist oria-real-de-guerreiras-africanas/ Acesso em: 15 out.2022.

CALLIGARIS, C., & HOMEM, M. (2019). *Coisa de menina?*. Café Filosófico. https://www.youtube.com/watch?v=Gfti68lh4XY. Acesso em: 08 out.2022.

_____. Coisa de menina? (2019) *Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papirus 7 Mares.

CARNEIRO, C. A., & LAZZARINI, E. R. (2020) *Acolher a diferença: a função da bissexualidade psíquica na construção da subjetividade*. Tempo psicanal., Rio de Janeiro (v. 52, n. 1, p. 155-186, jun). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100007&lng =pt&nrm=iso. Acesso em: 17 out. 2022.

COSTA, L. M., & SOUZA, R. L. N. (2019). *O Outro Do Outro*: Serena Williams E A Construção Da Imagem Da Mulher Negra Na Mídia. SERENA WILLIAMS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM ... - UFThttps://sistemas.uft.edu.br › atura › article › download. Acesso em: 13 out.2022.

DOMINGUES, M. R. C. (2009). *A feminilidade e a mulher na obra de Sigmund Freud*. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4842. Acesso em: 13.out.2022.

DRUMONT, M. P. (1980) *Elementos para uma análise do machismo*. Disponível em: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO MACHISMO https://periodicos.fclar.unesp.br › article › viewFile. Acesso em: 12 out.2022.

FERREIRA, N. P. (2002) Jacques Lacan: *Apropriação e Subversão da Liguística* (Ágora v. V n. 1 jan/jun. 113-132).https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009. Acesso em: 10 nov.2022.

FREUD, S. (1933). *A Feminilidade. In: Amor, Sexualidade e Feminilidade*. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Maria Rita Salzano Moraes (1ed. São Paulo: Autêntica, 2018). Edição do Kindle.

_____. (1856-1939) (2016) *Sobre O Mecanismo Psíquico Dos Fenômenos Histéricos.* In: Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895). Em coautoria com Josef Breuer/Sigmund Freud; tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza1ed- São Paulo: Companhia das Letras.

KEHL, M. R. (2016) *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo. Edição do Kindle.

ROCHA, Z. (2002). *Feminilidade e castração seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina*. Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental (ano V, n. 1). https://doi.org/10.1590/1415-47142002001009. acesso em: 16 out.2022.

ISSN: 1994-0098